



MEMORIAL SOLANO TRINDADE: SENTIDOS DA RELAÇÃO ESCOLA/COMUNIDADE NO COTIDIANO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Elizabeth dos Santos Braga¹
Universidade de São Paulo
elizabeth.braga@usp.br

RESUMO

No presente artigo, serão apresentados os fundamentos para a criação do Memorial Solano Trindade, localizado dentro de uma escola pública de Ensino Fundamental do município de São Paulo. Trata-se de um centro destinado à guarda, preservação e divulgação de documentos significativos para a história do bairro, da escola e de seu patrono, contribuindo para o sentimento de pertencimento por parte dos sujeitos que ocupam esses espaços. Ele foi idealizado a partir de projetos de pesquisa e extensão que visaram a ampliação da relação escola/comunidade local e o conhecimento de suas memórias e histórias, bem como a articulação desse trabalho com o processo de formação de professores. Será contado ao leitor o começo das nossas atividades, em meio a considerações sobre o conceito de memória articuladas à discussão sobre a relevância da presença do acervo na instituição escolar.

Palavras-chave: Pesquisa colaborativa. Relação escola/comunidade. Memorial escolar.

MEMORIAL SOLANO TRINDADE: SENTIDOS DE LA RELACIÓN ESCUELA / COMUNIDAD EN LA VIDA DIARIA DE LA FORMACIÓN DE LA ENSEÑANZA

RESUMEN

En este artículo se presentarán las bases para la creación del Memorial Solano Trindade, ubicado en el interior de una escuela primaria pública de la ciudad de São Paulo. Es un centro destinado a la conservación, preservación y divulgación de documentos significativos para la historia del barrio, de la escuela y de su patrón, contribuyendo al sentimiento de pertenencia de los sujetos que ocupan estos espacios. Se idealizó sobre la base de proyectos de investigación y extensión destinados a ampliar la relación escuela/comunidade local y el conocimiento de sus memorias e historias, así como la articulación de esta actividad con el proceso de capacitación de los maestros. El lector será informado del inicio de nuestras actividades, en medio de consideraciones sobre el concepto de memoria articulado a la discusión sobre la relevancia de la presencia de la colección en la institución escolar.

Palabras clave: Investigación colaborativa. Relación escuela/comunidade. Memorial de la escuela.

SOLANO TRINDADE ARCHIVE: MEANINGS OF THE SCHOOL / COMMUNITY RELATIONSHIP IN THE DAILY LIFE OF TEACHER EDUCATION

¹ Coordenadora do Grupo de Pesquisa Linguagem, Memória e Subjetividade (GPLIMES – FEUSP / CNPq).



ABSTRACT

In this article, the bases for the creation of Solano Trindade Archive, located within a public elementary school in the city of São Paulo, will be presented. It is a center for the custody, preservation and dissemination of meaningful documents for the history of the neighborhood, of the school and its patron, contributing to the feeling of belonging on the part of the subjects who occupy these spaces. It was conceived from research and extension projects that aimed to expand the school and local community relationship and knowledge of their memories and histories, as well as the articulation of this work with the teacher education process. The reader will be told the beginning of our activities, amid considerations about the concept of memory articulated to the discussion about the relevance of the presence of the collection in the school institution.

Keywords: Collaborative research. School/community relationship. School archive.

MÉMORIAL SOLANO TRINDADE: LES SENS DE LA RELATION ECOLE/COMMUNAUTE DANS LA VIE QUOTIDIENNE DE LA FORMATION DES ENSEIGNANTS

RÉSUMÉ

Cet article présentera les fondements de la création du Mémorial de la Trindade Solano, situé dans une école primaire publique de la ville de São Paulo. C'est un centre destiné à la sauvegarde, la conservation et la divulgation de documents significatifs pour l'histoire du quartier, de l'école et de son patron, contribuant au sentiment d'appartenance des sujets qui occupent ces espaces. Il a été idéalisé sur la base de projets de recherche et de diffusion visant à développer la relation école/communauté locale et la connaissance de leurs souvenirs et de leurs histoires, ainsi que l'articulation de ce travail avec le processus de formation des enseignants. Le lecteur sera informé, sur le début de nos activités, au milieu de considérations sur le concept de mémoire articulé à la discussion sur la pertinence de la présence de la collection dans l'institution scolaire.

Mots-clés: Recherche collaborative. Relation école/communauté. Mémorial de l'école.

INTRODUÇÃO

Na confluência da educação, psicologia, sociologia, história e estudos da linguagem, articulamos as questões da constituição da subjetividade e dos modos de participação em práticas sociais e escolares, considerando a constituição recíproca dos sujeitos e instituições/grupos dos quais participam. Tendo como base estudos representativos que articulam memória, linguagem, significação, narrativa e enfatizam os aspectos sociais, históricos e discursivos da memória humana², e outros mais recentes que tomam a narrativa

² E.g. Bartlett, 1977; Benjamin, 1996; Halbwachs, 1990; Luria, 1980; Ricoeur, 1988, 1994; Vigotski, 1996, 1999.



como instância privilegiada na constituição da subjetividade³, vimos tentando apurar conceitualmente a relação entre memória, narrativa e experiência, ao mesmo tempo em que articulamos os estudos teóricos a práticas de pesquisa, ensino e formação num contexto educacional.

Realizamos uma pesquisa junto à EMEF Solano Trindade, no bairro Jardim Boa Vista da Zona Oeste do Município de São Paulo, numa tentativa de apreender os significados partilhados, produzidos nas relações sociais que se entrecruzam na história dos dois espaços, nas memórias e narrativas dos sujeitos que participam ou participaram de sua dinâmica. A essa pesquisa foram relacionados projetos de extensão e de iniciação científica, bem como um trabalho de formação contínua de professores, em que se repensaram conjuntamente as práticas pedagógicas no sentido de um maior reconhecimento da memória e história da escola, de sujeitos que a ocupam e ocuparam, do seu patrono e da comunidade local.

Nesse processo que durou mais de nove anos, foi criado a muitas mãos o Memorial Solano Trindade, objeto de nossa discussão no presente artigo. Trata-se de um centro de memória e preservação de documentos textuais e iconográficos, localizado dentro da escola de Ensino Fundamental. Esse trabalho gerou conhecimento da realidade local e participação da comunidade escolar em movimentos comunitários de melhoria ambiental, além de fomentar uma cultura de registro e preservação, aliada a um sentimento de pertencimento.

Embora não abarque o conjunto da documentação escolar (administrativa e pedagógica), o Memorial compartilha dos mesmos propósitos e preocupações apontados por Bonato (2005), Mogarro (2005), Zaia (2005) e Menezes (em entrevista concedida a Chaloba e Cunha, 2014) sobre o trabalho com arquivo ou acervo histórico, tendo se constituído como um espaço de guarda, organização e preservação da memória institucional, além da sua presença na escola fomentar a pesquisa e o ensino. Nesse sentido, solidarizamos-nos com os autores da História da Educação sobre os problemas elencados acerca da situação vivida pelos documentos, persistentes em “[...] não desaparecer dos corredores da escola, dos banheiros desativados, do vão embaixo das escadas, dos quartos de limpeza, enfim, de toda sorte de lugares que atrapalhassem, o menos possível, as atividades diárias de seus funcionários” (ZAIA, 2005, p. 165). Essa massa comumente denominada de “arquivo morto”, segundo a mesma autora, deve ser transformada em arquivo permanente ou histórico. Muitas fontes deterioradas, papéis e objetos considerados sem utilidade e descartáveis, são esquecidos, guardados em

³ E.g. Bosi, 1994; Brockmeier e Harré, 1997; Bruner, 1991, 1997.



espaços precários, de forma inadequada, expostos a fungos e outros microorganismos que causam sua destruição (BONATO, 2005).

Acreditamos que o valor atribuído aos arquivos escolares, com documentos fundamentais para a história da escola e a construção da memória educativa, possa ser estendido ao espaço do Memorial Solano Trindade, como veremos no decorrer do texto.

A importância do lugar do arquivo na instituição escolar tem acompanhado a afirmação desta instituição como um microcosmos com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola. (MOGARRO, 2005, p. 79).

DO ESTUDO DA MEMÓRIA À IDEIA DO MEMORIAL

Como tomamos conhecimento do passado? Como adquirimos esse *background* imprescindível? A resposta é simples: lembramo-nos das coisas, lemos ou ouvimos histórias e crônicas, e vivemos entre relíquias de épocas anteriores. O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já os experimentamos. [...] Séculos de tradição subjazem a cada momento de percepção e criação, permeando não somente artefatos e cultura, mas as próprias células de nossos corpos. (LOWENTHAL, 1998, p. 64).

Questionando modelos de memória na neuropsicologia e na psicologia cognitiva, estudos vêm considerando, nas últimas décadas, os aspectos sociais e discursivos integrantes dos processos de recordação⁴, com base em autores da primeira metade do século XX que redimensionaram a questão, tratando a memória em sua relação com o contexto, os grupos, as instituições, os signos e símbolos, as demais funções psíquicas⁵. As abordagens da memória desses autores constituem tentativas de superação de dicotomias, reducionismos e visões consideradas equivocadas (como a de faculdades mentais e a de funções psíquicas isoladas).

Do ponto de vista da sociologia, Halbwachs (1990) analisa o ato de lembrar dentro do movimento interpessoal das instituições sociais, em relação aos grupos de convívio e de referência do indivíduo. Partindo da antropologia e chegando à psicologia experimental, em Bartlett (1977)

⁴ E.g. Bosi, 1994; Damasceno, 1987; Middleton e Edwards, 1994; Middleton e Brown, 2005.

⁵ E.g. Bartlett, 1977; Halbwachs, 1990; Luria, 1980, 1992; Vigotski, 1996, 1999.



a dimensão social é também realçada; ele não considera que a recordação seja a busca de algo guardado em algum lugar na cabeça do indivíduo ou mera reprodução, mas que haja uma “reconstrução”, em função dos interesses do presente e ligada às atividades práticas da vida cotidiana. Numa perspectiva histórico-cultural, Vigotski (1999) analisa o desenvolvimento da memória mediada, as mudanças que ocorrem em função das diferentes relações que a pessoa estabelece com os signos, das “[...] conexões que estão por trás das palavras” (p. 45), produzindo diferentes formas de memorizar na criança e no adulto. A transformação da memória, para o autor, faz parte do desenvolvimento social, da apropriação de sistemas elaborados ao longo da história humana. Em seu primeiro prefácio ao livro de Leontiev sobre a memória⁶, afirma: “O primeiro ponto de partida das novas investigações é a ideia do desenvolvimento: não explicar o desenvolvimento da memória partindo de suas propriedades, mas sim deduzir estas partindo de seu desenvolvimento” (VIGOTSKI, 1996, p. 168). O que ele chamou de “enfoque histórico da memória” é explicado neuropsicologicamente por Luria: “Uma mudança da estrutura da atividade [...] implica uma mudança na organização cerebral dessa atividade” (1992, p. 176). Vigotski e Luria avançaram no estudo da memória para além de uma função psíquica, mas como parte de complexos “sistemas funcionais”⁷.

“Vygotsky chegou à conclusão de que essas funções representam sistemas funcionais complexos, mediados em sua estrutura. Incorporam símbolos e instrumentos historicamente acumulados” (LURIA, 1992, p. 131).

De acordo com essa noção, o autor [Luria] analisa algumas concepções atuais dos processos que constituem a memória, da perspectiva da psicologia. A recordação pode ser vista como um processo apoiado em um “*sistema multidimensional de conexões*”, incluindo componentes sensoriais, perceptivos e conceituais, o que leva à consideração da memória humana como uma “*complexa atividade cognoscitiva*”, com uma série de etapas sucessivas e consistindo na inclusão progressiva do material em um imbricado sistema de relações. A evocação e o reconhecimento têm sido entendidos como complexos processos de “*busca ativa, de eleição*” da conexão necessária. Da mesma forma o esquecimento, longe da noção de uma extinção espontânea de rastros com o passar do tempo, pode ser visto como um processo transitório, dinâmico, uma inibição ativa. (BRAGA, 2000a, p. 95-96)⁸

Qualquer ato mental (percepção de um objeto, resolução de um problema, enunciação discursiva) constitui um “sistema funcional complexo” (SFC), concebido como a representação tanto psíquica (abstrata) quanto cerebral (corporal) da atividade externa (p. ex., trabalho produtivo), com a qual as

⁶ O primeiro prefácio à obra *O Desenvolvimento da Memória* foi escrito em 1931. Sobre o segundo prefácio, escrito em coautoria com Leontiev, datado de 1932, ver Toassa e Smolka, 2020.

⁷ Termo introduzido por Anokhin (1935 *apud* DAMASCENO; GUERREIRO, 1991).

⁸ Comentário ao primeiro capítulo do livro *Neuropsicología de la memoria* (LURIA, 1980). A respeito da noção de esquecimento, ver Braga (2004).



representações psíquica e cerebral-corporal constituem uma unidade funcional tripartite. A atividade produtiva dos humanos, como um todo, apresenta-se, simultaneamente, em três formas interdependentes e interconexas: a material-social, a mental e a corporal-cerebral. A mental é apenas um componente da atividade e das ações do ser humano no mundo. Do ponto de vista psicogenético, a atividade material-social, base de interações com pessoas e coisas, é primária. (DAMASCENO, 2020, p. 157).

Nos últimos trinta anos, destacam-se os trabalhos da psicologia discursiva que têm buscado entender a organização social da recordação na conversação, a construção conjunta de versões do passado, estudando a recordação e o esquecimento *inseridos em* práticas sociais, *como* práticas sociais. Influenciados por Bartlett e assumindo uma abordagem pragmática de análise do discurso, os autores consideram que as construções discursivas não devem ser vistas como expressões de estados cognitivos subjacentes aos falantes, mas analisadas no contexto de sua ocorrência como construções situadas e ocasionadas. O estudo da memória nessa perspectiva não visa especificar como modelos mentais representariam o conhecimento e a experiência, mas como as pessoas constroem “versões de eventos passados” quando falam sobre eles.⁹ Nesse sentido, a recordação e o esquecimento seriam construções coletivas e discursivas.

Considerando a memória como inserida nas práticas sociais, como forma de prática social, temos trabalhado a partir das abordagens de Vigotski (1996, 2001) e Bakhtin (1997a, 1997b) sobre a natureza social, simbólica e dialógica do psiquismo humano, além dos demais autores já mencionados que tematizam a constituição social, histórica e discursiva da memória.¹⁰ “Vigotski e Bakhtin nos possibilitam ampliar o sentido de *práticas*, indo além da noção de linguagem como ação e concebendo-a como *(inter)ação*, *(signific)ação*, na sua dinamicidade dialética e na sua historicidade” (BRAGA, 2002, p. 38). Essa forma de conceber a linguagem nos aproximou de trabalhos da vertente francesa de análise do discurso, já que nessa perspectiva o discurso não está apenas *situado* em termos interacionais e institucionais, mas possui uma historicidade dialética.¹¹

Inspirados pelos estudos já mencionados e pela leitura de Benjamin (1996), os trabalhos que empreendemos foram se circunscrevendo em torno da narrativa. Como método ou como material, ela está presente em Bartlett (1977) que fez uso da reprodução de histórias como um de seus métodos de pesquisa, em Halbwachs (1990), nos inúmeros relatos autobiográficos ou contados por amigos, usados para elucidar sua teoria dos quadros sociais,

⁹ Ver Edwards e Potter, 1992; Middleton e Edwards, 1994.

¹⁰ Braga, 2000a, 2000b, 2002, 2010, 2011; Braga e Smolka, 2005, 2020.

¹¹ E.g. Possenti, 2011.



em Vigotski que, segundo Bakhurst (1994), via a própria estrutura da memória mediada como narrativa. Ao analisar o declínio da arte de narrar e o estado contemporâneo de pobreza de experiência, Benjamin (1996) liga-os à gradativa extinção da sabedoria e da coletividade, que acompanha as mudanças nos modos de produção capitalista, nos gêneros orais/literários e na própria temporalidade que as práticas engendraram na passagem do século XIX ao XX e ao longo da denominada por Hobsbawm, a *era dos extremos*. Essa análise contrasta com o interesse cada vez maior pela narrativa – dos estudos em narratologia, na teoria literária, aos da psicologia narrativa, da consideração da narrativa como estruturadora da experiência¹² ao conceito de identidade narrativa¹³. Da mesma forma, o crescimento da pesquisa sobre memória acontece justamente quando, como apontou Nora (1993), não há mais meios de memória, mas apenas “lugares de memória”.

Com essas inspirações e preocupações, no segundo semestre de 2009, entramos em contato com a EMEF Solano Trindade para propor o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Memória, narrativa e a dimensão discursiva da experiência escolar”, cujo objetivo geral consistia em: “[...] refletir sobre os processos de constituição dos sujeitos, suas memórias e histórias na dinâmica das relações, em uma instituição escolar e seu contexto, a partir da análise dos discursos que emergem em práticas sociais diversas e contraditórias e que vão dialeticamente formando e sendo formadas (n)as experiências e (n)a memória coletiva”.¹⁴

No início de 2010, quando o projeto foi apresentado à comunidade escolar, durante a semana de planejamento, os coordenadores pedagógicos da escola solicitaram a colaboração da pesquisadora para o Projeto Especial de Ação (PEA), desenvolvido com docentes em jornada de trabalho integral, uma vez que o trabalho com memórias ia ao encontro do que estavam pensando para o Projeto Político Pedagógico (PPP) daquele ano.

Essa experiência iniciou-se com a proposta da pesquisadora, mas tornou-se imediatamente ligada aos interesses da escola, que iria completar 30 anos de existência. Sentíamos a necessidade de realizar um trabalho com suas memórias e, ao mesmo tempo, reconhecíamos a importância de uma maior reaproximação com a comunidade que se encontrava distante da escola e que, por isso, vivíamos inúmeros problemas com indisciplina e desinteresse por parte dos alunos. Além disso, havia um sentimento de que o patrono ainda era uma figura desconhecida por parte da maioria da comunidade escolar, apenas um quadro na parede da entrada da escola.¹⁵

¹² Bruner, 1997.

¹³ Ricoeur, 1988.

¹⁴ Trecho do projeto encaminhado à FAPESP em dezembro de 2010. O projeto contou com o apoio financeiro dessa agência de fomento de 2011 a 2014 (Processo FAPESP 2011/00051-9).

¹⁵ Parte extraída do texto elaborado em coautoria com a Profa. Núbia Esteves, para o Prêmio Territórios Educativos em 2017.



Dessa forma, articulado ao projeto de pesquisa, foi proposto um projeto de extensão – “Memórias e histórias da EMEF Solano Trindade no Jardim Boa Vista: sentidos da relação escola/comunidade e formação docente” – em parceria com o Prof. Bruno Bontempi Júnior, da área de História da Educação da Faculdade de Educação da USP.¹⁶ Seu texto assim se iniciava:

Trata-se de trabalho a ser realizado junto à EMEF Solano Trindade, localizada no Jardim Boa Vista, visando a um maior conhecimento da memória do bairro, da escola e dos sujeitos que ocupam esse espaço, bem como da realidade e das necessidades locais, para que se promova um diálogo sobre a relação escola/comunidade, a identidade da escola, as práticas e as relações interpessoais. [...] As atividades de pesquisa envolverão prioritariamente os professores em JEIF, mas estender-se-ão para o trabalho com os alunos, na realização da pesquisa e no trabalho em sala de aula, bem como para toda a comunidade escolar, por meio de eventos artísticos e organização de um acervo. Acredita-se que o trabalho com memórias e histórias possibilite a elaboração de práticas pedagógicas que se fundamentem no conhecimento objetivo e significativo da realidade escolar e da comunidade, do aluno e de sua família.¹⁷

Ao longo do primeiro semestre de 2010, fomos ouvindo relatos da equipe de que muitos objetos da história da escola estavam em locais inadequados, ou foram se perdendo, que havia muito poucas fotos e documentos de um período de dez anos de existência da escola, que muitos trabalhos interessantes dos alunos guardados pelos professores eram descartados durante as férias de janeiro. Animados pelas atividades coletivas iniciais no âmbito dos dois projetos, começamos a vislumbrar a possibilidade de montarmos um *memorial* na escola, ainda usando o termo “acervo”.

Revisitando hoje o material, notamos que, já ao final do ano, no momento do encaminhamento do projeto de pesquisa para a agência de fomento, com a reflexão que as discussões e os trabalhos realizados proporcionaram, os objetivos específicos elaborados pela pesquisadora são mais condizentes com a realidade vivenciada:

Criar espaços de emergência de memórias e narrativas de vida e experiências;
Investigar a relação entre memórias, narrativas e experiências na constituição de sujeitos que ocupam um espaço escolar e membros da comunidade do entorno escolar, analisando a articulação entre as histórias do bairro e da escola nos depoimentos dos sujeitos;
[...]

¹⁶ Em todas as suas versões, o projeto de extensão contou com o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e do Programa Aprender com Cultura e Extensão da USP, para a aquisição de materiais e pagamento de bolsistas.

¹⁷ Parte inicial do texto do Projeto de Extensão, elaborado em coautoria com Bruno Bontempi Júnior e encaminhado ao Programa de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão da USP no início do segundo semestre de 2010.



Analisar modos de participação dos sujeitos na instituição escolar e como esta marca esses sujeitos e os constituem como profissionais/estudantes e pertencentes a um grupo;
Articular o trabalho de pesquisa ao projeto de extensão, contribuindo para o processo de formação de professores da escola, na sua profissão docente e na ressignificação da identidade da escola¹⁸;
Estender o trabalho com os docentes a alunos da escola e à comunidade, visando a um maior conhecimento da memória do bairro, da escola e dos sujeitos que ocupam esse espaço, bem como da realidade local;
Estabelecer um espaço de interlocução entre os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com a instituição escolar, para que se repensem práticas, relações e o papel da escola na comunidade.¹⁹

Nesse sentido, destacamos também a reformulação de alguns objetivos do projeto de extensão, no momento do encaminhamento do relatório:

[...] promover a valorização das experiências e memórias daqueles que participaram e participam da história do bairro e da escola; criar, organizar e manter um memorial na escola, aberto à comunidade, com a criação de uma cultura de preservação; [...] contribuir para fomentar o sentimento de pertença por parte dos sujeitos que trabalham e estudam na escola, de forma dinâmica e constantemente (re)significada.²⁰

Consideramos que esse começo de trabalho conjunto foi caracterizado pelo diálogo, que marcou sua continuidade. Relembrando Paulo Freire, nosso querido mestre: “Era o diálogo que opúnhamos ao antidiálogo, tão entranhado em nossa formação histórico-cultural [...]” (FREIRE, 1983, p. 108).

UM POUCO DA HISTÓRIA DA ESCOLA E DO BAIRRO

Em 12 de Março de 1980, o Decreto nº 16.529 criou a Escola Municipal de Primeiro Grau Jardim Boa Vista, que funcionava em uma construção de madeira, com cinco salas de aula e uma que funcionava como secretaria, diretoria e sala dos professores. Esse prédio, de construção simples e rústica, foi batizado pela comunidade de “barracão”.²¹ Ao lado dele, foram construídos em alvenaria os sanitários e a cozinha. Em 17 de Novembro de 1980, tornou-se Escola Municipal de Primeiro Grau Solano Trindade, por meio do Decreto nº 17.014.

¹⁸ Usamos aqui a expressão "identidade", por não encontrar uma melhor, no sentido de um sentimento de pertencimento pelos sujeitos que trabalham e estudam na escola, não de forma estática e definitiva, mas dinâmica e constantemente (re)significada. [Nota presente no documento original]

¹⁹ Trecho do Projeto de Pesquisa encaminhado à FAPESP em dezembro de 2010.

²⁰ Trecho do relatório encaminhado ao Programa de Fomento às Iniciativas de Cultura e Extensão da USP.

²¹ Ao ser desocupado, o “barracão” cedeu lugar à EMEI Deputado Gilberto Chaves.



(1) Fotografia do primeiro prédio da escola, quando ainda era denominada Escola Municipal de 1º Grau Solano Trindade (acervo do Memorial).

Em 1982 houve a mudança para o novo prédio de alvenaria, situado à Rua Gabriel de Carvalho, 600. Sua construção foi uma das mais importantes conquistas da associação de bairro de então. Em 27 de Janeiro de 1999, o Decreto nº 37.796 transformou-a em Escola Municipal de Ensino Fundamental Solano Trindade.



(2) e (3) Fotografias da chegada das crianças e professoras ao novo prédio da EMEF Solano Trindade, em 1982, doadas por Alex Menezes, ex-aluno que está em primeiro plano, à direita, na foto 3 (acervo do Memorial).

A sua inauguração foi um grande evento, com a presença de Raquel Trindade, artista plástica e filha do patrono da escola, e integrantes do grupo de maracatu de Embu na época, entre eles, seu filho, o músico Vitor da Trindade, além de membros da Secretaria de Educação e muitas pessoas da comunidade do Jardim Boa Vista.



(4) Raquel Trindade discursa; à sua esquerda, Sr. Antônio Piante (marido da Profa. Maria Aparecida Vita Piante e presidente da Sociedade Amigos de Bairro).

(5) Diretora Maria Antônia Dario discursa; no canto direito da foto, as funcionárias Maria Aparecida, Cacilda Ferreira da Silva e Josefa.

(6) Vitor da Trindade e outro integrante do grupo de artistas do Embu ao centro.

(7) O quadro com o retrato de Solano Trindade é entronizado.

(acervo do Memorial)

Em 1982 inaugurou-se o novo prédio da EMEF Solano Trindade, local em que se situa até os dias atuais, rodeado por casas de moradores, o Colégio Waldorf Micael de São Paulo, o córrego Itararé e as Comunidades do Morumbizinho e Mar Vermelho, próximo à divisa com o Município de Osasco.



(8) Frente da escola, com o grafite do patrono à esquerda.

(9) Área da escola vista do alto da Comunidade do Mar Vermelho.

(acervo do Memorial)



O atual prédio possui boas condições de infraestrutura, com uma das poucas áreas verdes do bairro. Possui doze salas de aula, um pátio coberto que funciona também como refeitório, duas quadras de esporte, parque infantil, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), sala de leitura, laboratório de informática, sala de multimídia e a sala do memorial escolar, além da diretoria, secretaria, sala de professores, cozinha, banheiros, *etc.* Hoje a escola funciona em dois turnos e atende a aproximadamente 729 alunos de Ensino Fundamental.²²

A escola situa-se no bairro Jardim Boa Vista, localizado na Zona Oeste do Município de São Paulo, pertencente à área de abrangência da Subprefeitura do Butantã, mais especificamente no Distrito Raposo Tavares. O bairro foi formado a partir dos anos 1970, em grande parte por migrantes nordestinos. Sua ocupação está relacionada ao processo de industrialização (que se iniciou na década de 1950) e *periferização* que marcou o crescimento e a consolidação da cidade de São Paulo (SARAIVA, 2017). Antes havia uma chácara pertencente a uma família de japoneses que, em 1970, decidiu vender boa parte dos lotes para uma imobiliária, a Samara Empreendimentos, ficando com uma área de 18 mil metros quadrados. Em 1980, uma área de 8 mil metros do terreno foi desapropriada pela Prefeitura de São Paulo para a construção do prédio de alvenaria da EMEF Solano Trindade, e o restante foi posteriormente vendido para a construção do Colégio Waldorf Micael de São Paulo (GEILING, s/d).

Durante anos e ainda hoje os moradores sofrem com problemas de infraestrutura, o que foi pauta de reivindicações de associações de bairro e outras instituições locais. Somente entre 1977 e 1980, o Jardim Boa Vista começou a contar com linhas de transporte público, água encanada, e com a legalização do loteamento. Assim como outros bairros periféricos que estavam se formando naquele momento, não havia esgoto, asfalto, equipamentos públicos, e a luz elétrica era precária. Para que os filhos dos moradores pudessem estudar, tinham que ir para fora do bairro, em escolas públicas improvisadas, como relatou Antônio Piante²³, um morador antigo do bairro que teve um papel importante na mobilização feita pela comunidade naquele período. A união dos moradores levou à realização de diversas atividades culturais, sociais e

²² A escola anteriormente funcionava em três turnos e até 2015 oferecia a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

²³ Ex-presidente da Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Boa Vista, entrevistado pelos professores do Fund. II da escola Fabiane Neri, Celia Vieira e Glauro Carrara, em 2010, na Sala de Leitura da EMEF Solano Trindade. Transcrição do bolsista Homero Pedro, aluno do curso de Pedagogia da FEUSP.



religiosas, também apoiadas por um personagem importante na história do bairro: o Padre Vittorio²⁴.



(10) Fotografia de moradores do bairro em rua ainda não pavimentada, em 1976.
 (11) Fotografia de procissão conduzida pela Irmã Ângela com crianças e outros moradores do bairro.
 (As duas fotografias foram emprestadas para digitalização durante gincana ocorrida em 2011 e fazem parte do acervo do Memorial)

Outra mobilização marcante ocorreu a partir de 1982, conforme nos contou Alex Menezes²⁵, pelo fechamento da pedreira da empresa Firpavi que funcionava no bairro, fonte de muitos problemas: poluição sonora e ambiental, pedras atingindo casas e escolas, doenças respiratórias, *etc.* Houve um mandado de segurança para o seu fechamento, mas a mesma foi reaberta com o aval da Prefeitura; apenas em 1985 é que conseguiram fechar a pedreira.

²⁴ O Padre Vittorio Saraceno veio da Itália em 1966 e na década de 1970 foi capelão das Irmãs Paulinas no Jardim Boa Vista, colaborando com os mutirões, prestando auxílio de toda ordem; dirigiu a construção da igreja, foi importante para a vida social, cultural e religiosa da comunidade. Ele foi entrevistado por Elizabeth Braga e Núbia Esteves, numa sala do convento na mesma área da Editora Paulus, em 2013 (filmagem de Lia Ikeoka, auxiliar de pesquisa FAPESP e depois bolsista de Iniciação Científica, e transcrita por Amanda Albano, bolsista – ambas alunas do curso de Pedagogia da FEUSP). Ele menciona em seu relato a importância do trabalho da Irmã Ângela que aparece na foto 11.

²⁵ Ex-morador e ex-aluno da EMEF Solano Trindade, diretor da Associação Comunitária Micael (ACOMI), entrevistado em sua casa, em 2010, pela pesquisadora Elizabeth Braga e pela sua orientanda de Iniciação Científica Thaís Faria, então estudante do curso de Antropologia da USP. Atualmente Alex Menezes é também professor de História do Ensino Médio do Colégio Waldorf Micael de São Paulo.



Informativo Boa Vista

Responsável: — UNILIO MOREDORES JARDIM BOA VISTA — Distribuição Gratuita
Mês de Junho/83 — Editor: Antonio Valério Rome — 2.000 Exemplares

Finalmente leremos nossas Escrituras

ESCRITURAS — REGULARIZAÇÃO E LEGALIZAÇÃO DO LOTEAMENTO

Um dos problemas mais antigos do nosso bairro era a "regularização do loteamento" e a nossa Sociedade de Amigos, desde a sua criação e desde o início, tem se preocupado com um grande esforço no sentido de conseguir as escrituras.

Durante anos a fio os moradores receberam avisos e descalpês estarpapados da Cia. Loteadora que não se interessava e num era de sua conveniência a regularização das lotes e a consequente posse de domínio aos proprietários.

O fato é que a loteadora mostrava um desinteresse pela sua regularização, motivo pelo qual não pagava a Cia. loteadora o extrachado valor de um lote até em moeda importante e que muitas vezes não era pago 30 dias para ganhar.

Por esses motivos e sentindo-nos no direito de decidir sobre aquilo que pagamos, nos posamos a cargo e iniciamos um trabalho sem tréguas junto à imobiliária a fim de que a mesma cumprisse os requisitos exigidos pelo Cartório de Registro, tais como: compração exata de área, locação e planta plani-altimétrica.

Junto à SERLA — Superintendência Especial de Regularização de Lotes e Arruamentos, estudamos por diversos ocasiões nos apresentando pessoalmente e passamos o processo no intuito de não deixarmos essas obrigações inerte e sem efeito, não nos deixando como ficamos todo esse tempo, nunca "esperando" como ficamos até agora, com o titular da SERLA que nos garantia tomar todos os providências cabíveis, o que finalmente ocorreu.

Para finalizar, acompanhamos do parte, durante 15 dias, a documentação enviada pela imobiliária, via SERLA, ao Cartório de Registro de Imóveis para análise, nova matrícula e registro, o que para nossa alegria aconteceu.

Aqui cabe registrar o nosso agradecimento ao Sr. Edgar do 15º Cartório de Registro de Imóveis que com carinho e zelo profissional todos os procedimentos para esse último lenço.

Comprezámo-nos, pois, com nossos sócios, vizinhos e amigos, moradores do Jardim Boa Vista, considerações desde já legas proprietários de nossos lotes e para individualmente legalizar suas casas.

COMO TIRAR AS ESCRITURAS

Após a liberação no 18º Cartório de Registro, a Imobiliária Samara, achou por bem contratar um cartório para elaborar as escrituras, onde cobra de cada proprietário, a importância de 50 a 60 mil cruzeiros por uma escritura, cujo valor do terreno não ultrapassasse 400 mil cruzeiros. Mediante tal atitude nossa sociedade tomou outras providências e nos dirigimos à prefeitura no sentido de solicitar a emissão de uma escritura através deste órgão, o que, de acordo com a tabela 11 artigo 3º das ordens dos registros de imóveis, teríamos um desconto de 20% sobre o registro em questão. Assim sendo, cada escritura ficaria ao proprietário em 10 ou 20 mil cruzeiros.

Acrescente que a imobiliária Samara, está tentando de todas as formas impedir que façamos nossas escrituras através da SERLA, pois assim eles deixariam de ganhar aproximadamente 10 milhões de cruzeiros.

DOCUMENTOS EXIGIDOS PELO SERLA

PARA TIRAR AS ESCRITURAS:
Contrato de compra e venda com recibo de quitação, firma reconhecida - R.G., C.C. - Certidão de casamento (se for casado).

Levar todos os carnês de impostos pagos ou certidão negativa de dívida.

Pagamento via BISA na Banopar e preencher o requerimento no próprio SERLA, com firma reconhecida.

Endereço do SERLA - Rua São Bonito 435 - 11º andar, sala 111.

Endereço da Imobiliária - Av. Paulista 509, 19º andar.

Sugerimos que cada proprietário haja da maneira que melhor lhe convier. Muitos imóveis que estavam com prachada e zelo profissional todos os procedimentos para esse último lenço.

A DIRETORIA.



- (12) Mutirão para montagem de barracas para quermesse na década de 1970.
- (13) Fotografia de jornal do bairro com a notícia da legalização das escrituras (1983).
- (14 e 15) Fotografias da passeata pelo fechamento da pedreira com alunos da EMEF Solano Trindade e outras escolas do bairro em 1983 (acervo doado por Alex Menezes para o Memorial).
- (16) Notícia sobre o fechamento da pedreira no bairro Jardim Boa Vista (Folha de São Paulo, 11/04/1985 – original conservado no Memorial).
- (17) Carnaval na sede da associação de bairro com crianças e jovens moradores de 1980.

(acervo do Memorial)



Na década de 1990, o “esfriamento” nas mobilizações do bairro parece ter acompanhado um período de refluxo dos movimentos sociais no Brasil (SARAIVA, 2017). Mesmo assim, nessa época, houve muitas conquistas: construção e ampliação de escolas, canalização do córrego, mais linhas de ônibus, calçamento das vielas, construção de um posto de saúde (hoje Unidade Básica de Saúde), *etc.* (ANDRADE, 2014).

Hoje o bairro é composto pelos equipamentos já mencionados e por pequenas casas comerciais. Algumas moradias são regulares, outras não. Muitas são construídas em barrancos ou áreas de risco (IKEOKA, 2014). Há muita diferença, conforme a área do bairro: desde condomínios de prédios até construções sem segurança e sujeitas a alagamento ou desmoronamento. Alguns problemas ainda permanecem como a precariedade do transporte público e a falta de segurança. Há uma grande demanda por equipamentos de cultura, esporte e lazer. Não há uma biblioteca, uma casa de cultura; apenas uma praça já bem deteriorada; os poucos espaços de diversão que a população possui, quando oferecidos, estão nas escolas.



(18) Área que mostra a discrepância entre as moradias do Jd Boa Vista.
 (19) Casas construídas em áreas sujeitas a desmoronamento.

(Fotos produzidas durante visitas ao bairro nos anos de 2010 e 2011 –
 acervo do Memorial)

Além disso, o bairro encontra-se numa área de alta vulnerabilidade social e juvenil (Faria, 2010). Há um movimento de moradores e das associações de bairro que luta pela construção do parque linear ao redor do córrego, uma reivindicação que busca atender não só a demanda por área de lazer, mas também garantir uma área verde na região e melhorias no saneamento básico (SARAIVA, 2017). Atualmente, entre os movimentos coletivos do bairro podemos citar a Associação Comunitária Micael (ACOMI), que realiza atendimento nas áreas de educação, saúde e arte às comunidades; Associação Vira Lata (coleta e reciclagem de lixo); União dos Moradores da Favela do Jardim Boa Vista, Associação de Moradores do Morumbizinho e Associação do Mar vermelho; Rede Boa Vista (coletivo de entidades que



desde 2010 discute e reivindica melhorias estruturais e ambientais); Vielada Cultural (que agrega artistas, em manifestações populares) (FARIA, 2010; SARAIVA, 2017).



(20) Sueli Visoto e Wilson dos Santos, na Associação Vira Lata, no primeiro espaço ocupado (Igreja Divino Mestre), em 1999.

(21) Sarau de Poesia durante a Vielada Cultural em 2013.

(acervo do Memorial)

DINÂMICA DO TRABALHO COM OS PROFESSORES E OS ALUNOS: PRIMEIROS PASSOS

[...]

Ele procurou o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

– O que é uma memória? – perguntou.

– Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro.

[...] (FOX, 1995).

Os encontros do PEA aconteciam semanalmente, em três horários, com a participação dos pesquisadores/professores, coordenadores pedagógicos e estudantes da USP, com atividades de estudo, pesquisa e reflexão.²⁶ Os encontros eram de sensibilização para as temáticas do projeto – memória, história, identidade e (inter)subjetividade – com a participação de todos na leitura e discussão de textos e debate a partir de filmes, relacionando-os às vivências escolares e histórias de vida.²⁷ Houve também, em 2010, encontros para o estudo de aspectos metodológicos, em especial sobre os conceitos de pesquisa qualitativa, etnografia, observação participante e entrevista. Thaís Faria, já mencionada, fez apresentações sobre “O olhar

²⁶ Em cada horário, variava a equipe de professores e os coordenadores: Fernando Ghilardi (responsável pelo Ensino Fundamental I e EJA) e Simone Lúcia Aguiar (responsável pelo Ensino Fundamental II).

²⁷ Como exemplo de textos trabalhados ao longo do processo, “Memória coletiva e memória individual”, da obra “A memória coletiva”, de Maurice Halbwachs, e de filmes, “Cinema Paradiso”, de Giuseppe Tornatore. Ficou na memória de todos o livro de literatura infantil: “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” (Mem Fox, ilustração de Julie Vivas). O estudo e o debate de textos teóricos prosseguiram ao longo dos anos posteriores.



etnográfico” que antecederam as visitas que faríamos aos espaços do bairro, da escola e da cidade onde Solano Trindade havia morado, Embu das Artes, atentando-nos para a necessidade da minúcia, do familiarizar-se com o estranho e do estranhar o familiar (ERICKSON, 1984).

(22) Visita ao bairro, em 2011. Na fotografia aparecem Celia Vieira, à frente; à direita, Núbia Esteves e Geibe Soares; à esquerda Fernando Ferraz e Maria Teresa Farina; mais atrás, Glauro Carrara, Sonja Bernard e Angélica Cristina de Jesus.

(acervo do Memorial)



As atividades de pesquisa – de cunho etnográfico, documental, colaborativo – se constituíram em torno de quatro eixos: memória do bairro; memória da escola; memória dos sujeitos que ocupam o espaço escolar; história do patrono da escola. Os professores se distribuíram nesses eixos, conforme seu interesse, e as atividades de observação, busca de documentos e entrevista se iniciaram, após um longo período de estudo e preparação. A primeira entrevista (realizada em frente ao grupo todo, num espaço carinhosamente montado pela equipe) foi conduzida pela Profa. Núbia Esteves à Profa. Angélica Cristina de Jesus, na sala de multimídia, em 2010.²⁸ Ambas se voluntariaram para o acontecimento. O trecho destacado abaixo é bastante significativo:

Eu moro no Boa Vista há doze anos, mas, assim, eu conhecia pouco do Boa Vista. Na verdade, é a EMEF Solano Trindade que tá me apresentando o Jd. Boa Vista, apesar de ser moradora há tantos anos. Eu moro em um condomínio aqui. Então, eu vinha do trabalho, entrava no meu condomínio, saía de manhã, voltava... então, não tinha contato com o bairro. Eu sabia o caminho que passa, vai pra Osasco, mas, enfim, eu não conhecia a comunidade. Então, eu acho que a EMEF Solano Trindade tá me apresentando, trazendo essa comunidade que são os meus vizinhos que estão tão próximos e que eu não conhecia, então, pra mim eu acho que foi muito legal o trabalho desse ano com o PEA de poder visitar os lugares aqui do Boa Vista que eu nunca imaginei que existia, não fazia ideia. [...] O percurso que a gente pôde visitar, né? Já foi muito legal, assim, eu consegui conhecer um lugar aqui dentro do bairro que eu não sabia que tinha e pra mim foi bacana, assim, acho que eu estou me aproximando dessa comunidade. Hoje, assim, eu frequento pouco a feira daqui mas eu vou

²⁸ Transcrição da bolsista Luana Santos, aluna do curso de Pedagogia da FEUSP.



muito no Shimada²⁹, né? O mercado aqui, então, as vezes eu estou no Shimada passa um aluno e me cumprimenta: “Oi, professora! Oi, coordenadora!”, [...] então, é legal, assim, você percebe que vai tendo uma proximidade, antes eu podia transitar por aqui que ninguém sabia nem quem eu era, né? Porque eu não tinha esse contato com as pessoas daqui. Agora hoje por vir pra cá eu uso a costureira daqui, eu passo no sacolão daqui, então, me aproximou o bairro Boa Vista trabalhar aqui na EMEF. (Trecho da entrevista da Profa. Angélica Cristina de Jesus).



(23) Entrevista com a Profa. Angélica, feita pela Profa. Núbia, em outubro de 2010.

(acervo do Memorial)

Os objetivos dos dois projetos – pesquisa e extensão – articulavam-se e os professores passaram a fazer parte da equipe de pesquisa. Nesse sentido, o professor passa a ser visto “[...] como parceiro da investigação, como partícipe do processo de pesquisa, à medida que ele coopera com o pesquisador no desenvolvimento de práticas investigativas” (IBIAPINA, 2008, p. 12). Esse é um tipo de trabalho junto à equipe de professores caracterizado como “pesquisa colaborativa”, ou seja, “[...] um tipo de investigação que aproxima duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação contínua de professores. Essa dupla dimensão privilegia pesquisa e formação, fazendo avançar os conhecimentos produzidos na academia e na escola [...]” (IBIAPINA, 2008, p. 7).

A identificação de fontes e sujeitos importantes para a nossa pesquisa foi feita com a ajuda de Alex Menezes, ex-aluno e ex-morador do bairro, já referido. Ele foi até a escola nos encontros do PEA e nos ajudou a montar um quadro com nomes e dicas de como encontrar as pessoas. Costumávamos nos referir ao Alex como o nosso “homem-memória” (LE GOFF, 1994)³⁰: ele nos concedeu duas entrevistas, um passeio comentado pelo bairro e deu de presente

²⁹ Mercearia local. O proprietário Roberto Shimada foi entrevistado em 2012 pelos Profs. Glauro Carrara, Núbia Esteves, Fabiane Neri, Márcia Pedro e Elizabeth Braga (transcrição de Simone Pereira, na época bolsista e aluna do curso de Pedagogia da FEUSP).

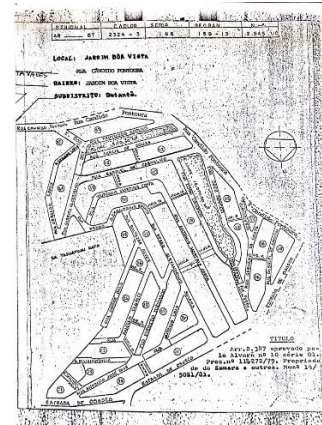
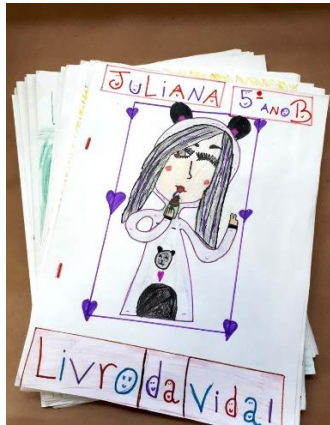
³⁰ Os homens-memória, próprios das sociedades sem escrita, são assim definidos por Le Goff (1994, p. 429): “[...] especialistas em memória, homens-memória: ‘genealogistas’, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, ‘tradicionalistas’, dos quais Balandier [1974, p. 2017] diz que são a ‘memória da sociedade’ [...]”.



ao futuro Memorial álbuns montados com as fotos antigas que ele havia guardado e CDs com filmagens da época.

No registo mais íntimo da vida privada, os arquivos particulares de antigos alunos e professores guardam espólios constituídos por materiais muito variados, geralmente produzidos pelos próprios proprietários do arquivo. A conservação desses documentos ao longo de uma vida e a emoção com que são revisitados pelos seus detentores/produtores evidencia a importância que as pessoas atribuem aos processos escolares e formativos nas suas histórias de vida, assim como aos percursos profissionais, no caso dos professores. Esses espólios integram materiais e trabalhos escolares, fotografias, publicações, produtos decorrentes da actividade docente, que são documentos que normalmente não se encontram nos arquivos das instituições escolares. Por isso, complementam de uma forma particularmente feliz os arquivos das escolas onde esses alunos e professores viveram ciclos da sua formação e do exercício da profissão, tornando-se hoje insubstituíveis para construir uma imagem mais rica, completa e objectiva da educação [...]. (MOGARRO, 2005, p. 87-88).

Tivemos ao longo dos anos várias doações de professores de trabalhos realizados pelos alunos: os quadros com figuras geométricas em meio ponto cruz por Maria Cristina Marques, de Educação Física, os instrumentos musicais por Sonja Bernard, de Arte, os álbuns sobre identidade e família por Atalita Gomes e Nazira Colares, do Fund. I, as autobiografias por Viviani Rodrigues, de Língua Portuguesa, a colcha de retalhos por Esmeralda Plaza, da EJA, as máscaras do Minueto por Glauro Carrara, de Geografia, entre tantos outros. Além disso, os óculos do Vitório José Manrique, ex-professor de Educação Física e readaptado, falecido, foram doados pela família... Também tivemos doações de alunos, ex-alunos, secretários e gestores da escola, parentes do Solano Trindade e moradores do bairro. Entre esses documentos, encontram-se: mapas, documentos oficiais, jornais e panfletos, propagandas, atas de reuniões de associações de bairro, fotografias, *etc.* Muitos desses documentos pertenciam à escola; outros tantos foram conseguidos por meio de uma gincana que realizamos na escola em 2011, com a distribuição dos alunos em três equipes que tinham como tarefa a busca de documentos em suas casas, nas de seus vizinhos e em outros equipamentos do bairro. Os documentos eram doados ou emprestados para serem fotografados ou digitalizados. Houve um grande envolvimento da escola inteira nesse processo.



- (24) Trabalhos realizados pelos alunos.
 (25) Globo terrestre usado nas aulas, nas décadas de oitenta e noventa.
 (26) Cópia da planta do primeiro loteamento realizado no bairro.

(acervo do Memorial)

Nesse início do trabalho, uma noção importante, entre tantas, foi aprendida e deve ser destacada aqui: a noção de que não resgatamos memórias, mas as reconstruímos. O discurso do “resgate” era repetido entre os participantes dos projetos e, com nossos diálogos, ele foi sendo substituído pelo de *reconstrução*. Baseamo-nos em autores clássicos no estudo da memória, tais como Bartlett (1977, p. 213): “A recordação não é a re-excitação de inúmeros traços fixos, sem vida e fragmentários. É uma reconstrução imaginativa, ou construção [...]” [Trad. nossa].³¹ E Halbwachs (1990, p. 71): “Temos frequentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.” No âmbito da metodologia da história oral e do trabalho com o patrimônio institucional, Ribeiro (2013) assim se expressa:

Na operação destes trabalhos em que estimulamos alguém a revisitar suas memórias e a transformá-las em narrativas, vale destacar que a memória não está pronta, em algum local, esperando por ser trazida à tona, novamente.

É comum vermos a palavra memória associada a ações como resgate e conservação. Dessa forma pode ser interpretada, erroneamente, como uma informação ou um dado a ser transportado do passado para o presente sem observar os processos e construções sociais e mobilidade que lhe são característicos.

Resgata-se ou recupera-se algo que existiu concretamente (o que podemos denominar suportes da memória): como fotografias, objetos, cadernos, anotações... Esses são objetos que podem ser preservados e conservados e que

³¹ Do original: “Remembering is not the re-excitation of innumerable fixed, lifeless and fragmentary traces. It is an imaginative reconstruction, or construction [...]”.



por isso mesmo demandam cuidado dos centros de documentação que também surgem em algumas instituições.

A memória não tem a mesma materialidade destes documentos. (RIBEIRO, 2013, p. 20-21).

OS SENTIDOS DO COTIDIANO E A CRIAÇÃO DO MEMORIAL

O Memorial que foi sendo gestado desde 2010, a princípio não ocupava um espaço físico; não tínhamos uma sala, apenas uma promessa da direção: uma sala muito pequena onde ficavam guardados uniformes e livros didáticos, os quais seriam realocados oportunamente.

As atividades de pesquisa e de extensão nos possibilitavam entrar em contato com o cotidiano da escola, com seus problemas, conflitos, embates, inclusive com relação à nossa presença na escola. Ou seja, levavam-nos a prestar atenção nas relações interpessoais que se entretenciam nesse cotidiano.

Na perspectiva histórico-cultural em psicologia, na qual baseamos nossos estudos, mais especificamente no pensamento de L. S. Vigotski, a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo é mediada pelos instrumentos, pelos signos e pelo outro. O conceito de mediação, que ele traz de Hegel, Marx e Engels, está na base da explicação do processo de constituição da pessoa. Assim, nossas experiências, constitutivamente sociais marcam a nossa compreensão da realidade como membros de grupos específicos – a família, a escola, o bairro, *etc.* –, bem como nossos modos de perceber, agir e conhecer. A produção do conhecimento se dá a partir das relações sociais e como uma “situação social de desenvolvimento” (VYGOTSKI, 1996) na escola (e fora dela), ou como “relações de ensino”.

A interpretação do conhecimento como socialmente constituído supõe a relação mediada do sujeito cognoscente com os objetos. A mediação não se restringe a outros sujeitos fisicamente presentes, estende-se aos efeitos da incorporação de experiências nas relações sociais, vividas em diferentes contextos e de diferentes modos. [...] Basicamente, o conhecer tem gênese nas relações sociais, é produzido na intersubjetividade e é marcado por uma rede complexa de condições culturais. (GÓES, 1997, p. 14).

Nossa escolha por falar em ‘relações de ensino’ mostra, assim, um modo de conceber o desenvolvimento humano e os processos de ensino/aprendizagem como modos de apropriação da cultura e participação nas práticas sociais. Ressalta, ainda, uma forma de compreender o conhecimento e os próprios modos de conhecer, como produção humana. [...] Conceber o desenvolvimento humano e o conhecimento como formações sociais e históricas implica, do ponto de vista aqui assumido, relevar as *formas de mediação* nas quais eles (desenvolvimento e conhecimento) se produzem, e nos leva a prestar especial atenção às *relações interpessoais* em que os seres humanos se constituem. (SMOLKA *et al.*, 2007, p. 9).



(27) Encontro do PEA em maio de 2011 com os Profs. Elizabeth Braga, Bruno Bontempi Júnior, Elizabeth Rosado, Viviani Rodrigues, Antonia Eufrasina, Adriana Oliveira, Nazira Colares, Geibe Soares, Regiane Elias, Ivone Gritti e Josefa Salgado.

(acervo do Memorial)

No âmbito dos nossos projetos, esse conhecimento da realidade tecida nas relações sociais se deu por meio de observação participante da escola e do bairro, da participação em reuniões e eventos. Essa observação, em 2010, foi realizada pela própria pesquisadora e pela orientanda de Iniciação Científica cujo trabalho teve o objetivo de realizar uma etnografia do bairro e analisar a percepção dos significados que a escola tinha para a comunidade (FARIA, 2010)³². A observação na escola foi realizada em todo o seu espaço, em diferentes momentos, com o objetivo de conhecermos um pouco da dinâmica de seu funcionamento. As observações em sala foram realizadas em turmas de Ensino Fundamental e de EJA, complementada por análise do PPP da unidade (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

A observação no bairro foi feita diretamente, por meio de passeios e visitas de observação. Um passeio foi feito com Alex Menezes, já mencionado, e outro com um jovem morador, Tiago Ferraz, que trabalhava na escola particular existente no bairro. Esses sujeitos nos contaram muito sobre a realidade atual e a história do bairro, sobre a origem dos moradores, os diferentes espaços do bairro, os movimentos sociais e as questões políticas e financeiras envolvidas, o estabelecimento das escolas, associações de bairro e outros equipamentos públicos, a situação do desemprego, drogas e outros problemas sociais e econômicos do bairro. Além disso, conforme já comentado, foi iniciado um estudo etnográfico por meio de visitas de observação ao bairro e à escola e visitas à cidade de Embu das Artes por parte do corpo docente, seguindo os princípios da etnografia (EZPELETA; ROCKWELL, 1986; ANDRÉ, 1995).

³² “Relações sociais e seus significados no contexto escolar e seu entorno: um estudo etnográfico” (FARIA, 2010).



(28) Thaís Faria e Tiago Ferraz na Comunidade do Morumbizinho, em 2010.
 (29) Profas. Antonia Eufрасina, Núbia Esteves e Roselina Hespanhol em visita ao Teatro Popular Solano Trindade e à casa de Raquel Trindade, em Embu das Artes, em 2011.
 (acervo do Memorial)

Foram também realizadas nesses anos iniciais várias entrevistas³³, além das já citadas: à coordenadora pedagógica de uma ONG do bairro, a membros da antiga associação de bairro e a antigos moradores (sobre a história do bairro, os movimentos sociais, a comparação com a realidade de hoje, *etc.*); a professores e outros funcionários da escola (sobre suas trajetórias profissionais e sua relação com a história da escola e do bairro); a parentes e amigos do poeta Solano Trindade. Também foram realizados grupos focais com alunos das 5as. e 8as. séries, com alunos da EJA, que trouxeram muitos indícios sobre a realidade do bairro, da escola e da relação entre eles – situação de migrantes, dificuldade de acesso ao estudo, trabalho informal, religiosidade, violência, lazer.



(30) Entrevista com a Profa. Maria Cristina Marques, de Ed. Física, conduzida pela Profa. Viviani Rodrigues e outros professores, em 2010, na quadra coberta da escola. Várias pessoas assistiram, inclusive o Supervisor Juditelino Coutinho.
 (31) Entrevista com o músico Vitor da Trindade, realizada em seu atelier, em Embu das Artes, em 2011, conduzida pelas Profas. Núbia Esteves e Josefa Salgado. Participaram também as Profas. Esmeralda Plaza, Lucélia Alencar, Antonia Eufрасina e Elizabeth Braga.
 (acervo do Memorial)

³³ Foram realizadas entrevistas ao longo dos nove anos dos projetos. Trataremos especificamente desse rico material composto de narrativas de vida e experiência em outro texto.



A rotina de observação e escuta continuou durante todo o tempo em que desenvolvemos os projetos e envolveu professores, alunos, coordenação, direção e alunos da USP (de Iniciação Científica e auxiliares de pesquisa). Podemos dizer, usando um conceito caro à área de História da Educação, que entramos em contato e apreendemos muitos aspectos da cultura escolar e da cultura das comunidades do entorno, do bairro. Segundo Julia (2001, p. 10), a “[...] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. É importante destacar a especificidade da cultura escolar no sentido de uma produção dialética e não de reprodução do externo, como salienta Mogarro (2005, p. 91):

No interior de estruturas complexas, como são as escolas, as pessoas estabelecem relações de poder e de comunicação, transmitem e apreendem uma cultura e são, por sua vez, produtoras de culturas. Constitui-se, assim, um universo específico, do qual nos foram deixados, ao longo do tempo, documentos e testemunhos que possibilitam o conhecimento, a apreensão da vida das instituições. Em consequência, dá-se uma atenção renovada ao trabalho interno de produção de uma cultura escolar, que tem especificidades próprias e não pode ser olhada como o mero prolongamento das culturas em conflito na sociedade, apesar de relacionar-se com elas.

Destacamos aqui dois momentos do processo inicial dos dois projetos que colaboraram na produção de documentos.

Um desses momentos marcantes, ao final do primeiro ano dos projetos na EMEF Solano Trindade (dezembro de 2010), foi a comemoração dos seus 30 anos. Como ainda não havia um espaço próprio para o Memorial, a festa aconteceu no pátio coberto da escola, com mesinhas, cadeiras, e os convidados foram antigos professores e funcionários, ex-alunos, as primeiras diretoras, além de moradores/familiares de funcionários falecidos. Alguns alunos apresentaram um número musical.



(32) Número musical com Prof. Cupertino Santos ao violão e Profa. Eni Lopes e alunos da EMEF, cantando.

(33) Profa. Sandra Ruiz Puritta (ao centro) reencontra as antigas alunas Raquel Campos (à esquerda na foto) e Paula Pino (à direita), com suas filhas Isabella e Laura (respectivamente).
(acervo do Memorial)

Sobre a comemoração, Middleton e Brown (2006) salientam a consideração de Bartlett da memória não como faculdade de que os sujeitos são dotados (como uma coisa, um “substantivo”), mas muito mais como uma atividade (um “verbo”), um conjunto de técnicas ou procedimentos sociais. Nesse sentido,

A comemoração envolve tanto estabelecer quem somos agora, como seres sociais, quanto envolve constituir o que aconteceu no passado. [...] O que é relevante, para o estudo da memória social, é estabelecer não o que realmente aconteceu ou deixou de acontecer, mas compreender como Watergate [por exemplo] se presta a várias formas de interpretação e narração ao longo do tempo. (MIDDLETON; BROWN, 2006, p. 80-81).



(34) e (35) Profa. Maria Cristina Marques e aluno durante premiação no CEU Butantã em 2003 e em 2010 com Alex Menezes (aluno de sua primeira turma de Educação Física em 1982), no pátio da EMEF Solano Trindade.

(acervo do Memorial)



Os documentos – textuais, iconográficos, *etc.* – que puderam ser encontrados, produzidos, pré-organizados, ao longo do processo na primeira etapa do trabalho (dois anos), marcados por sentidos e significados próprios dessa cultura escolar, perpassada por tantas histórias e memórias, ganharam um espaço para sua guarda, recuperação, organização e exposição. Em 2011, a então diretora, Profa. Glória Cortez nos cedeu uma sala localizada logo à entrada principal, no mesmo corredor da área administrativa da escola, após um ano e meio do início dos trabalhos. No dia 3 de dezembro de 2011, o Memorial Solano Trindade foi inaugurado, em meio à primeira exposição aberta à comunidade local com o que tínhamos até o momento: fotografias antigas ou produzidas no âmbito dos projetos, mapas, jornais, objetos da vida escolar, com a presença de alunos e familiares, ex-alunos, professores, outros funcionários e familiares, moradores do bairro e funcionários de outros equipamentos. Uma presença foi marcante: Raquel Trindade, filha de Solano. Foi à escola, com integrantes do seu grupo de maracatu de Embu das Artes e dançou ao som dos tambores das meninas do Fund. II. Inesquecível para quem vivenciou esse momento.



(36) Raquel Trindade na inauguração do Memorial com a comunidade escolar, no pátio coberto da escola, dezembro de 2011.

(acervo do Memorial)

Essa e outras fotografias foram analisadas no trabalho de Iniciação Científica de Jéssica Medeiros, então aluna do curso de Pedagogia da FEUSP.³⁴ Segundo ela, Raquel

³⁴ “Fotografias como fonte de pesquisa para análise das transformações de uma escola e sua comunidade no Município de São Paulo” (MEDEIROS, 2012).



Trindade pode ser considerada um símbolo ou signo da escola. Assim ela se refere ao analisar a foto acima:

No momento fotografado, o grupo de maracatu, os alunos da escola que tocam percussão e Raquel estão apresentando o samba-enredo de 1976, da escola de samba Vai-vai, que homenageia Solano Trindade. Para Raquel, o momento é de bastante emoção, no qual ela se sente prestigiada por homenagearem seu pai. Além dela, a escola também se sente prestigiada por ter a presença de uma figura tão significativa em uma data tão marcante. (MEDEIROS, 2012, p. 48-49).

Depois, Raquel tirou o “pano” que cobria a placa do “Memorial Solano Trindade”, visitou emocionada a exposição e a mostra pedagógica.



- (37) Raquel Trindade inaugura o Memorial Solano Trindade.
 (38) Placa do Memorial Solano Trindade, oferecida pelo Coordenador, Prof. Fernando Ghilardi.
 (39) Equipe da pesquisa com Raquel Trindade (destaque para a Diretora Glória Cortez que nos cedeu o espaço do Memorial, no canto esquerdo, e ao saudoso Prof. Vitor Manrique, no canto direito).
 (40) Vitor da Trindade com as alunas da EJA e a Profa. Antonia Eufrasina, na sala dos professores.
 (acervo do Memorial)

Jéssica Medeiros faz uma interessante análise de uma fotografia produzida neste dia, dentro da sala do Memorial Solano Trindade, recém-inaugurado:



(41) Aluna Gabriela Rodrigues Farias, na inauguração do Memorial, entre outros visitantes, dezembro de 2011.
(acervo do Memorial)

Nessa fotografia, a menina que está em primeiro plano pode ser considerada o que Roland Barthes (1984) chama de *Spectrum*. Barthes utiliza essa palavra, pois a relaciona com o “espetáculo”. É nela que está o foco, o alvo, o referente. Vemos nessa imagem, como já foi dito, uma menina em primeiro plano e algumas outras pessoas ao fundo. É possível perceber que naquela há um movimento de posar para a foto. Ela sorri, mostra um álbum para o fotógrafo e olha para esse objeto para ser fotografada. De fato, a intenção do fotógrafo está em registrar a menina, o álbum e o ato de olhar para o objeto e, para isso, o corpo da menina é fabricado para que sua ação fique clara diante de quem vê a foto.

Isso é o que podemos enxergar diretamente na imagem. No entanto, apenas com as informações contidas nesse artefato, é impossível saber o local no qual se encontram, o que fazem ali, qual a relação das pessoas com esse lugar e por que a menina posa com o álbum na mão. Por isso, é importante o auxílio de outras fontes para se obter informações e compreender o que está além da imagem.

A partir de informações dadas pela coordenadora do Projeto de Extensão, a situação aconteceu durante a inauguração do memorial da escola, quando a menina (aluna da escola) que está segurando o álbum encontrou sua mãe em uma das fotografias expostas. Esta também foi aluna da escola quando tinha a idade da filha.

A fotografia que está no álbum possibilita que uma parte da vida da mãe seja conhecida por sua filha, que haja uma identificação da filha com a mãe por ambas terem sido alunas em um mesmo espaço escolar, ou seja, as duas já ocuparam uma mesma posição, na mesma escola.

Esse encontro de gerações possibilita que um diálogo seja criado entre as duas para que possam trocar informações sobre esse momento pelo qual ambas passaram. A partir daí, pode-se tirar informações sobre transformações ocorridas na escola, quais relações foram criadas entre alunos e educadores, quais papéis foram assumidos pelos alunos etc.

O espaço criado para manter as memórias da escola é um lugar de exposição de fotografias, entre outros documentos, e possibilita que mais encontros desse tipo aconteçam, e que alunos e funcionários se reconheçam no espaço escolar. (MEDEIROS, 2012, p. 61-62).



Ainda sobre o trabalho realizado nesse tempo – de pesquisa, observação, escuta, estudo... – destacamos a fala da Profa. Adriana Oliveira, do Fund. I, durante o momento de avaliação coletiva do projeto como parte do PEA, em dezembro de 2011:

Então, eu cheguei e já peguei o projeto andando. Tinha um ano já de estudo da turma, né? E aí, o pessoal: “Vamos continuar com o projeto, não vamos?” “Qual projeto?” ((risos)) Aí fui me inteirar, né? E aí a Beth passou pra mim, passou pra outra Beth, como funcionava o projeto. Eu li, gostei. Porque eu gosto dessas coisas, eu não sou professora de história, mas eu sou apaixonada por história. [...] Acho que todo bom mineiro, né? [...] Então, assim, eu gosto dessa parte e estudar o patrono da escola, tem tudo a ver com a gente, né? Eu achei assim que os alunos, eles participaram porque, quando a gente perguntava pra eles assim: “Ele já morreu, mas ele tá vivo?” Sabe, assim? Então são coisas que levaram os alunos a pensar, né? Sobre a escola, sobre o bairro. Eu gostei também dos eixos, de como foi repartido, como foi programado. Cada grupo com um eixo. Isso foi muito importante. Que quando eu vi o produto final, né? Que chegou a inauguração do Memorial e todos os trabalhos, desde o primeiro ano até a EJA! Eu achei maravilhoso. Porque eu pude visualizar tudo que o pessoal trabalhou, nos quatro eixos. Eu percebi. Deu pra perceber os quatro eixos literalmente, né? Então foi um trabalho bonito, que se vestiu a camisa, eu participei, eu gostei de fazer. Eu sei que eu cansei, cansei mesmo. Minha equipe azul ganhou!³⁵

DO TRABALHO DE FORMIGUINHA: A ORGANIZAÇÃO DO MEMORIAL

[...] nenhuma descrição da recordação social pode ignorar que a vida cotidiana envolve a fabricação do passado por meio de uma construção do mundo material, ou em sua transformação ou em seu re-ordenamento. (RADLEY, 1994, p. 53) [Trad. nossa].³⁶

De 2011 para 2012, o projeto de extensão estava em sua segunda versão – “Do registro de memórias à construção de um memorial na EMEF Solano Trindade: relação escola/comunidade, formação docente e práticas pedagógicas” – em articulação com a pesquisa.

As atividades de estudo, discussão, observação dos espaços, entrevistas e outras continuaram. Vamos destacar aqui a ação de preservação dos documentos.

Houve uma preparação para a recuperação e acondicionamento dos documentos, com o apoio do Centro de Memória da Educação (CME) da Faculdade de Educação da USP. A arquivista do CME na época, Iomar Zaia, esteve na EMEF Solano Trindade em 2011 e 2012, fazendo palestras sobre arquivos escolares e a importância da preservação de documentos para a equipe dos projetos.³⁷ Ela nos presenteou com seu livro *O acervo escolar: manual de*

³⁵ Transcrição de Amanda Albano, já mencionada.

³⁶ Do original: “[...] no account of social remembering can ignore that everyday life involves the fabrication of the past through a construction of the material world, either in its transformation or in its re-ordering”.

³⁷ Sobre o trabalho realizado no Centro de Memória da Educação (CME), ver Hilsdorf e Vidal (2004), Zaia (2005).



organização e cuidados básicos (Zaia, 2006), com o jogo *Arquivo Perdido* (elaborado por ela) com o objetivo de transmitir de forma lúdica as principais informações acerca de ações e cuidados na preservação de documentos e, mais tarde com um *Dicionário de Terminologia Arquivística* (Camargo *et al.*, 2010). Também realizamos uma visita ao CME e alguns membros da equipe participaram de uma oficina de técnicas de preservação. Foi muito proveitosa essa relação da escola pública com a universidade e esse apoio foi fundamental para a organização do Memorial.



(42) Palestra da Iomar Zaia, arquivista do CME, à equipe do projeto em maio de 2011. Na foto, esclarece uma dúvida à saudosa Profa. Elizabeth Rosado.
 (43) Visita ao CME pela equipe em julho de 2011, recebida pela aluna Fernanda Pereira, da Pedagogia, bolsista de Iniciação Científica. Encontram-se (da direita para a esquerda) o Coordenador Fernando Ghilardi e as Profas. Adriana Oliveira, Josefa Salgado e um aluno do curso de História.
 (acervo do Memorial)



(44) Oficina realizada no CME-FEUSP, da qual participaram alguns membros da equipe de pesquisa.
 (45) Professores jogando o “Arquivo Perdido” durante encontro do PEA na Sala de Leitura (à esquerda, Fernando Ferraz e Fabiane Neri; à direita, Núbia Esteves, Tânia Bezerra e Sonja Bernard).
 (acervo do Memorial)



Na escola, após a realização da gincana em 2011, começamos a primeira organização dos documentos que se encontravam em caixas com três diferentes cores. O grupo (pesquisadores da USP e professores/coordenadores-pesquisadores da EMEF) pôs-se a fazer as primeiras ações de separação e limpeza: o que era do bairro e o que era da escola. Isso aconteceu no espaço que viria a ser o Memorial: uma sala não muito ampla, mas localizada no mesmo corredor da sala da direção, onde havia grande circulação de pessoas. Ela ainda estava vazia, contendo apenas uma mesa e algumas cadeiras.

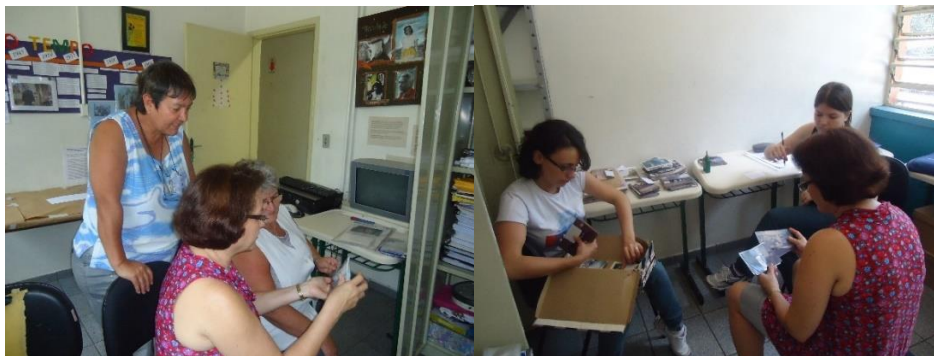


(46) Início da organização do Memorial, com o material conseguido pelas equipes da gincana: (da direita para a esquerda) Profs. Esmeralda Plaza, Bruno Bontempi Júnior, Elizabeth Braga, Roselina Hespanhol e (ao fundo) Fernando Ghilardi.
(acervo do Memorial)

Posteriormente, a organização documental compreendeu a separação e catalogação do material coletado por natureza e momentos históricos e seguiu o critério de divisão dos eixos do trabalho de Extensão: memória do bairro; memória da escola; memória dos sujeitos que ocupam o espaço escolar; história do patrono da escola. Para facilitar o trabalho, os eixos 2 e 3 (memória da escola e memória dos sujeitos que ocupam o espaço escolar) foram reunidos. O trabalho de organização e limpeza dos materiais foi realizado a partir de 2012 pelas alunas de Iniciação Científica Larissa Andrade e Raissa Ferreira³⁸ e pela bolsista Lia Ikeoka³⁹ (todas alunas do curso de Pedagogia da FEUSP) e contou com o auxílio de funcionários da escola para o reconhecimento de pessoas e épocas nas fotografias.

³⁸ Aluna do curso de Pedagogia da FEUSP e orientanda de Iniciação Científica, com o desenvolvimento do trabalho “Memórias em foco: uma experiência teatral na escola”. Em decorrência da greve dos funcionários municipais da educação, enquanto as oficinas não se iniciavam, ela auxiliou no trabalho de organização do memorial.

³⁹ Bolsista FAPESP de Treinamento Técnico 1 e, mais tarde, desenvolveu o trabalho de Iniciação Científica: “Prosseguindo o trabalho com o memorial escolar: sua dinâmica e significados para a comunidade”, em continuidade ao trabalho iniciado por Larissa Andrade.



(47) Organização do Memorial Solano Trindade, com a ajuda da Secretária Eliane Greibeler, da funcionária D. Tereza Fernandes e da Profa. Tânia Bezerra, no reconhecimento de pessoas em fotos. (48) A mesma professora está com as orientandas Raissa Ferreira (à esquerda) e Larissa Andrade (à direita, ao fundo). O ano já é 2012, o Memorial já tem um mobiliário um pouco mais adequado e já se realizaram algumas exposições.

(acervo do Memorial)

O trabalho de Iniciação Científica de Larissa Andrade⁴⁰ visou compreender os possíveis impactos do memorial escolar nos sujeitos que participam da dinâmica da escola e do bairro e caracterizá-lo como um espaço de preservação, acesso e divulgação de memórias. Para tanto, ela auxiliou na organização do memorial; acompanhou por meio de observação participante as visitas ao memorial durante exposições organizadas junto à equipe escolar; e analisou relatos produzidos nesses momentos. Conforme apontado em seu relatório (ANDRADE, 2014), não é possível pensar/conceber a escola, assim como suas práticas e saberes separados da dimensão material.

Vários autores da área da História da Educação atentam para a importância da cultura material escolar, de se preservarem artefatos materiais presentes na escola, pois eles são objetos que implicam relações sociais e refletem a organização, os rituais, as engrenagens do funcionamento da escola e as relações entre seus agentes e seu entorno.⁴¹ No entanto, conforme já apontado neste texto, eles alertam que os acervos que preservam e/ou registram as memórias das escolas, quando existem, estão em condições precárias (de armazenamento e conservação).

O Memorial implementado na EMEF Solano Trindade, além de ser um local de preservação de objetos da rotina escolar, traz elementos da cultura material escolar igualmente importantes - documentação oral, textual e iconográfica - frutos da pesquisa realizada, baseada também nas histórias de vida, bem como da organização do acervo fotográfico da escola

⁴⁰ “Memorial escolar: seus impactos e significados na escola e no bairro” (ANDRADE, 2014).

⁴¹ E. g. Souza, 2007; Vidal e Silva, 2001.



iniciada por Jéssica Medeiros (2011-2012), como parte de seu trabalho de Iniciação Científica já citado.

Zaia (2005) atenta para a importância de um centro de memória dentro da escola, pois uma sala de sensibilização que contenha peças que carregam em si a identidade da escola possui uma função social e educativa. Mogarro (2005) mostra a importância da construção de acervos escolares, apontando a relação direta com a sua preservação, assim como as condições de instalação, organização correta dos documentos e acesso às informações neles contidas. Tais documentos constituem instrumentos fundamentais para a história da escola assim como para a construção de uma memória educativa. No caso do Memorial Solano Trindade, além da cultura e memória escolar (que envolve a história do patrono), abrange também a memória do bairro, contribuindo para o conhecimento das duas realidades e reconhecimento dos sujeitos como participantes das mesmas.

Mogarro (2005) aponta para a necessidade de se realizar o levantamento da documentação existente nos arquivos, assim como elaborar um inventário e organizar os arquivos segundo critérios técnicos e científicos. Dessa forma, as alunas de Iniciação Científica separaram os materiais nos três eixos e realizaram a montagem de uma lista, para a implantação de uma política de preservação, com as seguintes informações: eixo ao qual pertence, nome do material (com uma breve descrição, quando necessário) e o ano a que se relaciona.

Durante esse período em que estivemos na EMEF Solano Trindade organizando o memorial, os sujeitos que participam da dinâmica escolar também ajudaram na organização – professores, coordenadores, funcionários e vice-diretores dedicaram parte do seu tempo para ajudar na identificação de alguns materiais, como por exemplo, identificar fotografias (ano, evento, sujeitos presentes etc.), haja vista que o memorial contém inúmeras fotografias, mas muitas estão sem nenhuma identificação – vale ressaltar que essa foi a atividade que mais nos tomou tempo; além disso, durante alguns dias, os alunos entravam no memorial e faziam perguntas sobre o trabalho que estava sendo realizado.

[...]

Além da ajuda dos sujeitos que compõem a história e as memórias da escola para a organização do memorial, alguns deles também nos trouxeram mais materiais a serem catalogados e preservados – em vários momentos, ao trazerem novos materiais, os sujeitos nos lembravam como era gratificante passar horas ali no memorial organizando os materiais, pois falas como “o trabalho de vocês é belíssimo”, “vocês estão fazendo com que a memória da escola fique preservada” ou ainda “a escola só tem a agradecer o trabalho de vocês” fazia com que as horas ali deixadas fossem recompensadas e, de certa maneira, esses sujeitos, por meio de suas participações, nos ajudaram a deixar o memorial escolar *vivo*, conforme aponta Vidal (2005). (ANDRADE, 2014, p. 60).



Finalizada a etapa da separação dos materiais, segundo os eixos, foi dado início ao processo de limpeza e preservação dos materiais, também sendo utilizadas as instruções contidas no livro *O acervo escolar: manual de organização e cuidados básicos* (ZAIA, 2006). Contamos, novamente, com o apoio dos funcionários do Centro de Memória da FEUSP, na solução de dúvidas em relação à preservação dos materiais. “Nesses momentos, foi-nos possível folhear cadernos, livros, poesias, dentre outros materiais e, por meio das memórias de outros indivíduos, construímos cenas em nossas imaginações que nos levaram ao passado, que nos fizeram conhecer como era a realidade daquela época e apreciá-la” (ANDRADE, 2014, p. 61).

Ao mesmo tempo, durante a limpeza de materiais, deparamo-nos com problemas como bolor e materiais rasgados ou incompletos. Percebemos a real necessidade da criação de uma política de preservação na escola que devia estender-se a todos os sujeitos que dela participam (alunos, professores, gestores, funcionários, pais). Segundo Zaia (2005), para se organizar um centro de memória escolar, é necessário atentar para três questões fundamentais: “a) qual documentação pretende-se recolher? – procurando com isso definir o ‘lugar’ de guarda; b) como envolver a comunidade escolar nesse trabalho? – questão definida como a ‘conquista’; c) quais são as atividades desse espaço? – [...] *atividades de trabalho e atividades de pesquisa*” (ZAIA, 2005, p. 159).

Ainda sobre a organização realizada, foram usados borracha, algodão e estilete para limpeza e conservação; e os principais documentos foram guardados em envelopes de papel neutro devidamente etiquetados a lápis.⁴²

Vale ressaltar, conforme nos mostra Barletta (2005), que no Brasil não existe política de preservação para os documentos escolares, ficando, então, à mercê da escola o destino dos documentos, podendo descartá-los sem critérios técnicos ou científicos. Sobre o belo trabalho de organização e preservação dos acervos da E.E. Culto à Ciência e Escola Normal de Campinas (hoje, E.E. Carlos Gomes) e a importância da sua manutenção no local de origem, Menezes reflete:

Os documentos haviam sobrevivido no local em que haviam sido produzidos, em sua maior parte. O local que havia sido construído para um fim, o de abrigar aquela instituição, comportando espaço e mobiliário a ela apropriados. A documentação escrita, iconográfica, os manuais escolares, representam uma comunidade, um espaço, um currículo, que ali se desenvolveu, ali aconteceu. O acervo em seu local de origem, guarda a sua história, ganha vida e organicidade que se articula à história de uma instituição determinada. Não são apenas documentos, livros, mobiliário, material didático da escola de

⁴² Todos os materiais de consumo usados na organização do memorial foram adquiridos com o auxílio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP.



outros tempos, mas de um tempo e local determinados, de uma instituição determinada, com uma comunidade própria e na qual ganharam sentido distinto. Trazem as marcas dos sujeitos que escreviam e dos sujeitos sobre os quais se escreviam, marcas da utilização dos espaços, do permitido e do proibido, das punições e das premiações, como formas de conformação dos sujeitos ao espaço. (MENEZES *apud* CHALOPA; CUNHA, 2014, p. 240).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU SERÃO INICIAIS?)

Quando paramos neste ponto e pensamos em todo o trabalho realizado, assumimos que temos muitos textos ainda a escrever, muitas histórias a contar. Falemos um pouco do futuro, então (que já é passado...). Depois da inauguração do Memorial Solano Trindade, em dezembro de 2011, muito foi feito e a muitas mãos, em prol da relação escola/comunidade, do conhecimento da vida e da arte do patrono, da ligação entre a pesquisa coletiva com memórias e as práticas pedagógicas. Por exemplo: muitos professores criaram subprojetos sobre a temática da memória e do conhecimento da escola e do bairro; os trabalhos para as mostras culturais da escola foram pensados coletivamente nos encontros de JEIF em função dos eixos dos projetos; o Memorial tornou-se um espaço de pesquisa para muitos alunos; e várias exposições foram feitas, abertas à comunidade local e a quem mais se interessasse. Além disso, um trabalho de Mestrado e outros de Iniciação Científica foram desenvolvidos nesse contexto.

Reiteramos a importância de estudo e pesquisa da história da escola, a exemplo dos importantes trabalhos de instalação de Centros de Memória realizados por Moraes, Zaia e Vendrameto (2005) em escolas técnicas estaduais paulistas. Também salientamos a relevância de estudo e pesquisa do entorno da escola, da comunidade, além da necessidade da apropriação das práticas de organização e preservação por parte dos membros da comunidade escolar.

Percebe-se que nem todas as escolas são receptivas à guarda e preservação da sua documentação, depende muito da direção daquele momento. Acredito que se deva fazer um trabalho de sensibilização com os profissionais de ensino sobre a importância da preservação e uso dos documentos dos arquivos de suas escolas, já que não temos ainda uma política eficaz de guarda e recolhimento dessa documentação, uma política arquivística oficial mais incisiva, que atenda ao clamor em torno da preservação desse tipo de acervo, como acontece com os arquivos médicos. (BONATO, 2005, p. 212).

E as dificuldades aumentam em tempos de governos autoritários, que não apoiam a pesquisa e não se preocupam com a valorização do ensino público e do magistério. Mais ainda: que desejam regular e controlar de forma abusiva o comportamento dos alunos e a ação docente.

Não existe na história da educação estudo mais tradicional que o das normas que regem as escolas ou os colégios, pois nós atingimos mais facilmente os



textos reguladores e os projetos pedagógicos que as próprias realidades. Gostaria de insistir somente sobre dois pontos: os textos normativos devem sempre nos reenviar às práticas; mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola. (JULIA, 2001, p. 19).

Em especial nesses tempos devemos insistir em práticas que valorizem a cultura e a história de sujeitos e grupos, sempre sociais e sempre singulares.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Larissa de Magalhães Rosa. **Memorial escolar: seus impactos e significados na escola e no bairro**. 2014. 105p. Relatório de Iniciação Científica. Faculdade de Educação - USP, São Paulo.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.

BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering: a study in Experimental and Social Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas - v. 1)

BONATO, Nailda Marinho da Costa. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 193-220, jul./dez. 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória: uma perspectiva histórico-cultural**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2000a.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: memórias e histórias. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 50, p. 84-102, 2000b.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **Memória e narrativa - da dramática constituição do sujeito social**. 2002. 207p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. Esquecer para lembrar e ser. *In*: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 573-600.



BRAGA, Elizabeth dos Santos. Tensões eu/outro: na memória, no sujeito, na escola. *In*: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta (Orgs.). **Questões de desenvolvimento humano: Práticas e sentidos**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 151-170.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. Narrar, escrever, lembrar: o romance *El entenado* de Juan José Saer. *In*: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta (Orgs.). **Emoção, memória, imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 105-136.

BRAGA, Elizabeth dos Santos; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Memória, imaginação e subjetividade: imagens do outro, imagens de si. **Horizontes**, Bragança Paulista: EDUSF, v. 23, n. 1, p. 19-28, 2005.

BRAGA, Elizabeth dos Santos; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Memória e sentido na narrativa de crianças: inspirações vigotskianas para a pesquisa na escola. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 40, n. 111, p. 185-197, maio/ago. 2020.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrative: problems and promises of an alternative paradigm. **Research on Language and Social Interaction**, London, v. 30, n. 4, p. 263-283, 1997.

BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, Chicago, n. 18, Autumn, p. 1-21, 1991.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida *et al.* **Dicionário de Terminologia Arquivística**. Centro de Memória da Educação. FEUSP/FAPESP, 2010.

CHALOPA, Rosa Fátima de Souza; CUNHA, Maria Teresa Santos. Entre porões e sótãos: O Patrimônio Histórico-Educativo em cena. Entrevista com Maria Cristina Menezes. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 223-249, jan./jun. 2014.

DAMASCENO, Benito Pereira. Neuropsicologia da memória. *In*: BRANDÃO, Claudio Rodrigues (Org.). **As faces da memória**. Campinas: Centro de Memória – UNICAMP, 1987.

DAMASCENO, Benito Pereira. Contribuições dos estudos de autores soviéticos para a psicologia e a neurociência cognitiva contemporâneas. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 40, n. 111, p. 156-164, maio/ago. 2020.

DAMASCENO, Benito Pereira; GUERREIRO, Marilisa M. Desenvolvimento neuropsíquico: suas raízes biológicas e sociais. **Cadernos CEDES**, Campinas, 2. ed., n. 24, p. 10-16, maio/ago. 2020.

EDWARDS, Derek; POTTER, Jonathan. **Discursive Psychology**. London: Sage, 1992.

ERICKSON, Frederick. What Makes School Ethnography “Ethnographic”? **Anthropology and Education Quarterly**, v. 15, n. 1, p. 51-66, Spring, 1984.



EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. Trad. Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FARIA, Thaís B. B. C. **Relações sociais e seus significados no contexto escolar e seu entorno**: um estudo etnográfico. 2010. 92p. Relatório de Iniciação Científica. Faculdade de Educação - USP, São Paulo.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Ilustração Julie Vivas. Trad. de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GEILING, Katia (Org.). **Micael 40 anos**: sonhos entrelaçados. s/d.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. As relações intersubjetivas na construção de conhecimentos. *In*: GÓES, Maria Cecília R.; SMOLKA, Ana Luiza B. (Orgs.). **A significação nos espaços educacionais**: Interação social e subjetivação. Campinas: Papirus, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo; VIDAL, Diana Gonçalves. O Centro de Memória da Educação (USP): acervo documental e pesquisas em História da Educação. *In*: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 179-186.

IBIAPINA, Ivana Maria L. M. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro, 2008.

IKEOKA, Lia. **Proseguindo o trabalho com o memorial escolar**: sua dinâmica e significados para a comunidade. 2014. 81p. Relatório de Iniciação Científica. Faculdade de Educação - USP, São Paulo.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão; Irene Ferreira. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 423-483, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Trad. Lúcia Haddad. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-201, 1998.

LURIA, Alexander Romanovich. **Neuropsicologia de la memoria**. Trad. Marta Shuare. Madrid: H. Blume Ediciones, 1980.



LURIA, Alexander Romanovich. **A construção da mente**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

MEDEIROS, Jéssica Vieira de. **Fotografias como fonte de pesquisa para análise das transformações de uma escola e sua comunidade no Município de São Paulo**. 2012. 78p. Relatório de Iniciação Científica. Faculdade de Educação - USP, São Paulo.

MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek (Orgs.). **Collective Remembering**. London: Sage, 1994.

MIDDLETON, David; BROWN, Steven D. **The Social Psychology of Experience: Studies in Remembering and Forgetting**. London: Sage, 2005.

MIDDLETON, David; BROWN, Steven D. A psicologia social da experiência – a relevância da memória. Trad. Karin Quast. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2 (50), p. 71-97, maio/ago. 2006.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 75-99, jul./dez. 2005.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ZAIA, Iomar Barbosa; VENDRAMETO, Maria Cristina. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. **Pro-Posições**, v. 16, n. I (46), p. 117-133, jan./abr. 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, PUCSP, p. 7-29, 1993.

POSSENTI, Sírio. Réflexions sur la mémoire discursive. **Argumentation & Analyse du Discours** (revue électronique du group ADAA), v. 7, p. 1-12, 2011.

RADLEY, Alan. Artefacts, Memory and a Sense of the Past. In: MIDDLETON, David, EDWARDS, Derek (Orgs.). **Collective Remembering**. London: Sage, 1994. p. 46-59.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Memória institucional: o trabalho como elo de identidade e pertencimento. **Revista RETC**. 13. ed., p. 16-23, out. 2013.

RICOEUR, Paul. L'identité narrative. **Esprit**., n. 140-141, p. 295-304, 1988.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Constança M. Cesar. Campinas: Papirus, 1994 (tomo I).

SARAIVA, Augusto Rolim. **Jardim Boa Vista: sua história, o papel da EMEF Solano Trindade e do Memorial Escolar no processo de transformação**. 2017. 73p. Relatório de Iniciação Científica. Faculdade de Educação - USP, São Paulo.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante *et al.* As relações de ensino na escola. In: RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: Relações de Ensino**, 2007. (Série Temas em Debate)



SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. *In*: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-169.

TOASSA, Gisele; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (Orgs.). Vigotski e Leontiev: de memórias e sentidos (dossiê). **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 40, n. 111, maio/ago. 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves; SILVA, Vera Lucia Gaspar de. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. *In*: CASTRO, César Augusto. (Org.). **Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS) – 1970/1925**. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **Teoria e método em psicologia**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, Lev Semiónovitch. La crisis de los siete años. *In*: **Obras Escogidas**. Madrid: Visor, 1996. (v. IV)

ZAIA, Iomar Barbosa. O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 153-174, jul./dez. 2005.

ZAIA, Iomar Barbosa. **O acervo escolar: manual de organização e cuidados básicos**. 2. ed. São Paulo: Pró-Reitoria de Pesquisa, Faculdade de Educação da USP, Centro de Memória da FEUSP, 2006.

Recebido em: 26 de dezembro de 2020.

Aceito em: 30 de dezembro de 2020.